

REVISÃO E REESCRITA: UM NOVO OLHAR SOBRE A CORREÇÃO DE TEXTOS

Lara Giovanna Branco¹

Raquel Elionara Rodrigues Hauth²

Dentre as inúmeras práticas da docência, existe uma que é realizada por todos os professores, independente da matéria que lecionam: a correção. Seja em redações, em cálculos matemáticos ou em provas de ciência, a intervenção do professor - ocorrendo oralmente ou de modo escrito - faz parte da rotina da sala de aula e, parafraseando Paulo Freire (1996), não há ensino sem correção, sem retificação.

A revisão e reescrita de textos são assuntos recorrentes nas universidades, entretanto, podemos perceber que, muitas vezes, tais discussões se restringem a esse ambiente enquanto a escola continua reproduzindo métodos de correção ultrapassados e ineficazes, que não influenciam a aprendizagem do aluno porque não o levam a refletir sobre suas produções textuais.

Mas então, como corrigir bem? Quais técnicas de revisão e reescrita são realmente eficazes? Como instruir o aluno a localizar os problemas textuais e adquirir autonomia para evitá-los em momentos futuros?

- **TIPOS DE REVISÃO**

O trabalho de revisão do texto leva para a reescrita, por isso, o meio de correção escolhido deve ser cauteloso. O aluno não deve se sentir intimidado ao receber seu texto e ver os problemas apontados, mas sentir-se motivado a melhorar aquilo que havia feito.

¹Lara Giovanna Branco. Graduanda do 4º período de Letras Português – Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – laragbranco@gmail.com

²RaquelElionara Rodrigues Hauth. Graduanda do 4º período de Letras Português – Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) - raquelhauth@yahoo.com.br

De acordo com Ruiz (2010), em geral, os professores utilizam três técnicas diferentes de correção no ambiente escolar: indicativa, resolutive e classificatória.

A correção indicativa é aquela em que o professor sublinha e mostra os erros e problemas encontrados no texto do aluno, apontando se determinado item está claro ou não, através da indicação feita nas margens ou no meio do texto.

A correção resolutive acontece quando o próprio professor modifica e arruma todos os problemas do texto. Já na correção classificatória, por sua vez, faz-se uso de símbolos para indicação das alterações que devem ser feitas pelos alunos, ou seja, os símbolos apontam os problemas da superfície textual.

Porém, a autora ressalta que existe outro meio de correção, que seria mais adequado e motivador ao aluno. Essa avaliação é conhecida como textual-interativa e consiste em bilhetes escritos pelo professor no final do texto, que funcionam como forma de interação com o estudante e abrem um espaço para explicação do que deve ser modificado no texto.

- **MAS COMO ESCREVER OS BILHETES?**

Os bilhetes apontam detalhes que vão além da microestrutura textual (como pontuação, acentuação e concordâncias), ou seja, focalizam também a macroestrutura: o professor não revisará somente a forma, ele intervirá também na qualidade do texto como um todo.

A abordagem do professor é o que mais diferencia esse tipo de correção das demais, pois funciona como se fosse desenvolvida uma conversa entre professor e aluno a respeito do texto, o que, de acordo com Ruiz (2010), faz com que os laços de afetividade na relação entre docente-discente sejam aumentados.

Outra característica dos bilhetes indicativos é o elogio, por parte do professor, a respeito da produção textual do aluno. A atitude de elogiar, ao invés de somente apontar os aspectos negativos, faz com que o estudante se sinta mais motivado a escrever.

E não é justamente esse um dos papéis dos professores de língua materna: instigar o aluno a produzir textos; criar nos estudantes o desejo de não somente ler, mas também escrever?

- **A COR DA CANETA INFLUENCIA O ALUNO?**

Sabe-se que os alunos, ao pegarem o seu texto corrigido, temem as marcações da caneta vermelha. Muitos reclamam e se sentem intimidados por ela, justamente por isso, pergunta-se: a cor da caneta é problema?

Irândé Antunes (2010) afirma que a cor da caneta não é o problema, e sim a abordagem que o professor tem diante do texto de seu aluno. Na hora da correção, o professor deve ter um olhar mais cauteloso e não apontar questões superficiais e evidentes, como concordância, regência, ortografia, pronomes, etc. Antes disso, o professor deve fazer uma análise linguística do texto e pensar na relevância do que está sendo dito pelo aluno, na propriedade e clareza da produção textual.

O professor deve pensar que revisar vai além de pontuar os erros: revisar é levar o aluno a crescer linguisticamente. É ampliar seus conhecimentos. Ao revisar, o professor deve ter como um de seus principais objetivos estimular o aluno a reescrever não somente no contexto escolar, mas também fora dele.

Devido ao fato de ser esse o papel do professor ter, a palavra “corrigir” é questionada, pois o aluno também acerta. A revisão deve, também, mostrar os pontos positivos da escrita, portanto a cor da caneta não é problema, e sim a forma como o professor realiza sua intervenção.

- **UMA PRÁTICA QUE NOS LEVA A REFLETIR:**

Ao estudar sobre as diversas maneiras de corrigir, vamos percebendo os equívocos cometidos pelos professores devido a uma percepção de ensino retrógrada e centrada somente na figura do mestre, que detém todo o conhecimento, em detrimento a do aluno, que ainda é incompleto, que ainda não está preparado para escrever um texto apropriado.

O ensino de língua portuguesa precisa mudar, pois é comum ouvirmos falantes, que têm a língua internalizada e utilizam seu idioma praticamente em todas as situações comunicativas, dizerem: "Não sei português". Tal concepção é, de certo modo, um trauma causado pela escola. Ruiz (2010) levanta a discussão de que o professor já olha o texto do aluno com o objetivo de encontrar falhas. Ensinamos aos estudantes que seus textos apresentam, antes de tudo, erros, sem considerar os pontos positivos. Ensinamos que língua é somente estrutura e não forma de interação. Tal discurso por parte de alguns mestres faz com que os estudantes se sintam desmotivados, porque veem a língua como "bicho de sete cabeças".

Em um país em que somente 8% da população entre 15 e 64 anos consegue se expressar e compreender plenamente textos escritos, ver e rever os "erros", para que os alunos possam aprender com eles, é uma prática importante. Mas, tão importante quanto indicar os problemas textuais dos estudantes, é o professor rever sua própria prática como profissional da educação.

Os professores precisam pegar a caneta vermelha e, seguindo o modo de correção mais tradicional, marcar um "x" em todas as práticas que, ao invés de revisar e corrigir, levam o estudante a desistir.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Ensino de Língua Portuguesa:** repercussões educacionais, políticas e socioeconômicas. Caxias do Sul: Conjectura, 2010, v. 14, n. 2, p. 231-240.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RUIZ, E. D. A correção (o turno do professor): uma leitura. In: **Como corrigir redações na escola:** uma proposta textual-interativa. São Paulo: Contexto, 2010, p.33-47.